



APOIO ENTRE PARES E MEDIAÇÃO INTERCULTURAL: POSSIBILIDADES, DESAFIOS E EFEITOS NAS SUBJETIVIDADES

APOYO ENTRE PARES Y MEDIACIÓN INTERCULTURAL: POSIBILIDADES,
DESAFÍOS Y EFECTOS EN LAS SUBJETIVIDADES

PEER SUPPORT AND INTERCULTURAL MEDIATION: POSSIBILITIES,
CHALLENGES, AND EFFECTS ON SUBJECTIVITIES

Mariana Bassoi Duarte¹

RESUMO: O presente artigo é fruto da investigação para o Programa de Doutoramento em Psicologia Clínica e tem como objetivo principal explorar e discutir a prática de intervenção *Peer Support*/Apoio entre Pares e os processos intersubjetivos com migrantes marcados pela experiência de deslocamento forçado consequentes de conflitos armados. Para tal pretende-se analisar, a partir dos conceitos da psicanálise e da etnopsicanálise, o dispositivo *Peer Support* ou *Apoio entre Pares* e perceber como é que os elementos compartilhados entre os pares se integram nas próprias identidades dos sujeitos que vivenciam transformações sociais, psíquicas e físicas. A metodologia utilizada foi um estudo longitudinal qualitativo que utiliza o instrumento FANI – *Free Association Narrative Interview* para a recolha e análise de dados. A recolha de dados foi feita a partir de entrevistas com os participantes e coordenadores dos grupos *Peer Support*. Os participantes na investigação são migrantes marcados por experiências de deslocamento forçado no decorrer de conflitos armados, guerras ou ocupação militar, alguns apresentam trauma físico e/ou queimadura no corpo decorrentes dos ambientes de conflito e ocupação. A partir da análise das entrevistas emergiram temas para a discussão dos resultados, entre eles e escolhidos para o presente artigo: *Identities Roubadas; Cronologia e Trauma: sintoma ou criação?* Como resultado, o Apoio entre Pares pode ser compreendido como um recurso terapêutico, funcionando como um instrumento de acolhimento psicossocial a migrantes e refugiados. Uma intervenção facilitada pela via da identificação e culturalmente sensível.

PALAVRAS-CHAVE: Apoio entre Pares e Mediador Intercultural; Psicanálise; Refúgio, Conflitos Armados e Ocupação.

RESUMEN: El presente artículo es fruto de la investigación para el Programa de Doctorado en Psicología Clínica y tiene como objetivo principal explorar y discutir la práctica de intervención *Peer Support* / Apoyo entre Pares y los procesos intersubjetivos con migrantes marcados por la experiencia de desplazamiento forzado, consecuencia de conflictos armados. Para ello, se pretende analizar, a partir de los conceptos del psicoanálisis y la etnopsicoanálisis, el dispositivo *Peer Support* o Apoyo entre Pares y comprender cómo los elementos compartidos entre los pares se integran en las propias identidades de los sujetos que viven transformaciones sociales, psíquicas y físicas. La metodología utilizada fue un estudio longitudinal cualitativo que emplea el instrumento FANI – *Free Association Narrative Interview* para la recogida y análisis de datos. La recolección de datos se realizó a partir de entrevistas con los participantes y coordinadores de los grupos *Peer Support*. Los participantes en la investigación son migrantes marcados por experiencias de desplazamiento forzado en el transcurso de conflictos armados, guerras u ocupación militar; algunos presentan trauma físico y/o quemaduras en el cuerpo como consecuencia de los entornos de conflicto y ocupación. A partir del análisis de las entrevistas, surgieron temas para la discusión de los resultados, entre ellos, y elegidos para el presente artículo: *Identities robadas; Cronología y trauma: ¿síntoma o creación?* Como resultado, el Apoyo entre Pares puede ser comprendido como un recurso terapéutico, funcionando como un instrumento de acogida psicossocial para migrantes y refugiados. Una intervención facilitada por la vía de la identificación y culturalmente sensible.

PALABRAS CLAVE: Apoyo entre Pares y Mediador Intercultural; Psicoanálisis; Refugio, Conflictos Armados y Ocupación.

¹ Instituto Universitário de Ciências Psicológicas Sociais e da Vida de Lisboa (ISPA).
psicologia@marianaduarte.com



ABSTRACT: This article is the result of research for the Doctoral Program in Clinical Psychology and has as its main objective to explore and discuss the intervention practice of Peer Support and the intersubjective processes with migrants marked by the experience of forced displacement as a consequence of armed conflicts. To this end, the aim is to analyze, from the concepts of psychoanalysis and ethnopsychanalysis, the Peer Support device and to understand how the elements shared among peers are integrated into the very identities of subjects who experience social, psychological, and physical transformations. The methodology used was a qualitative longitudinal study employing the FANI – Free Association Narrative Interview instrument for data collection and analysis. Data were collected through interviews with participants and coordinators of Peer Support groups. The participants in the research are migrants marked by experiences of forced displacement during armed conflicts, wars, or military occupation; some present physical trauma and/or burns on the body resulting from conflict and occupation environments. From the analysis of the interviews, themes emerged for discussion of the results, among them, and selected for this article: *Stolen Identities; Chronology and Trauma: Symptom or Creation?* As a result, Peer Support can be understood as a therapeutic resource, functioning as an instrument of psychosocial reception for migrants and refugees—an intervention facilitated through identification and culturally sensitive approaches.

KEYWORDS: Peer Support and Intercultural Mediator; Psychoanalysis; Refugee, Armed Conflicts and Occupation.

1 INTRODUÇÃO

O contexto das migrações e mais especificamente no trabalho humanitário e emergencial é muitas vezes confrontado com o desafio de implementar estratégias que promovam a descentralização do tratamento especializado em saúde mental e a democratização do acesso a esses cuidados para a população em geral. É importante e necessário repensar dispositivos que valorizem as expressões culturais locais, fortaleçam os laços comunitários e desenvolvam autonomia para uma apropriação coletiva da reorganização após conflitos e desastres. Torna-se necessário repensar estratégias mais adequadas para esse contexto, considerando que muitas técnicas desenvolvidas em países do Norte Global continuam sendo amplamente reproduzidas. Entretanto, quando se trata de populações deslocadas em países vizinhos do Sul Global — que frequentemente enfrentam condições semelhantes às que motivaram a fuga e o pedido de asilo —, abre-se um vasto campo de reflexão e debate sobre formas de intervenção e investigação que dialoguem melhor com essa realidade.

Os espaços destinados ao apoio a migrantes enfrentam desafios significativos no cenário contemporâneo. A escassez de recursos para o desenvolvimento de ações especializadas frequentemente limita a capacidade de oferecer intervenções adequadas, muitas vezes desconsiderando especificidades e singularidades de cada caso — tais como aspectos culturais, faixa etária, gênero e outros determinantes. Ademais, a instabilidade no financiamento compromete a sustentabilidade dos projetos, levando ao encerramento de muitas iniciativas após apenas um ou dois anos de funcionamento. Essa descontinuidade dificulta a consolidação de competências técnicas nas equipes de cuidado, que frequentemente permanecem sem uma abordagem integral e contextualizada.

A situação de migrantes forçados e sobreviventes de conflitos armados demanda atenção urgente, pessoas deslocadas por conflitos enfrentam barreiras linguísticas, dificuldades de reinserção cultural e acesso restrito a serviços básicos essenciais, como educação e saúde, além de carregarem os efeitos traumáticos da experiência de guerra e das perdas vividas.

Países que acolhem indivíduos em situação de deslocamento, como o Brasil, assumem simultaneamente a oportunidade e a responsabilidade de implementar políticas de inclusão e proteção que respondam às suas necessidades específicas. Ao pautar essa questão, promove-se uma reflexão crítica sobre as práticas de acolhimento e integração, com vistas a valorizar a diversidade e contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva.

Nesse contexto, as intervenções em Saúde Mental e Apoio Psicossocial desempenham papel central no acolhimento e tratamento de migrantes sobreviventes de violência e contextos de guerra. Tais ações têm recebido crescente atenção e investimentos no cenário internacional, voltados ao desenvolvimento de estratégias que ultrapassem o ambiente clínico tradicional. A saúde mental é relevante em todas as etapas do processo de acolhimento — desde a reorganização da vida no novo país até a recuperação das lesões físicas e das marcas psíquicas. Considerando que refugiados frequentemente vivenciam traumas associados a deslocamentos, perdas e experiências de violência, torna-se fundamental garantir o acesso a redes de apoio capazes de compreender e responder às suas realidades.

Isso leva-nos a questionar os possíveis rumos de tratamento e estratégias em saúde mental em contexto humanitário, marcado por conflitos políticos e extrema vulnerabilidade e instabilidade social. O interesse em analisar e desenvolver estratégias focando especialmente nas reconstruções, reorganizações e ressignificações individuais e coletivas em contextos de migração decorrentes de guerras e ocupações, orientou a investigação de doutorado cujo artigo é fruto.

Em contextos onde reina a violência e a realidade se revela tirânica e arbitrária, com riscos reais para a vida dos que sobrevivem, simbolizar e elaborar os efeitos da experiência torna-se então um desafio para o manejo clínico. O desafio da linguagem, onde o terapeuta e o paciente nem sempre falam a mesma língua, pode ser uma saída para esse impasse, mas pode também a outros níveis, ser mais um impedimento na ordem discursiva.

Nestes anos em que trabalhei com populações em situação de deslocamento forçado, muitas das consultas eram apoiadas por um mediador intercultural, a maioria dos quais tendo passado pelas mesmas experiências daqueles que estavam a ser assistidos. Muitos ainda, sem ter recebido treinamento específico para mediações na Saúde Mental.

Em diferentes países, diferentes organizações para as quais trabalhei ou ofereci consultoria, promoviam e expandiam a inclusão de mediadores nos serviços de acolhimento e apoio psicossocial. O mediador intercultural acaba em inúmeros casos, devidas às múltiplas necessidades dos projetos, oferecendo um apoio psicossocial para além da mediação entre duas partes. Não constituiria então, esta abordagem, uma forma de *Apoio entre Pares / Peer Support*? A falta de uma nomenclatura ou de um entendimento comum desta abordagem torna difícil saber quantos e como são aplicados neste contexto. É importante notar que o princípio do Apoio entre Pares tem sido amplamente utilizado, mesmo que não seja chamado ou reconhecido por essa nomenclatura. Isso revela um interesse pela intervenção, mas por outro lado, limita a possibilidade de estudos científicos que possam trazer à discussão os benefícios e desafios dessa prática que contribuiriam no desenvolvimento de material para treinamentos e capacitações mais específicas e adequadas.

O Apoio entre Pares despertou meu interesse e uma reflexão profunda sobre as possibilidades que essa intervenção oferece e seu potencial terapêutico. No entanto, ela também levanta importantes questões sobre seus desafios e riscos potenciais. Considerando que há um impacto em suas subjetividades, tanto do *Peer/ Par* quanto de quem recebe o cuidado, pois o encontro reedita as experiências e memórias vividas anteriormente pelo próprio Peer. O Apoio entre Pares, que envolve a interação entre pessoas com experiências semelhantes, pode oferecer um ambiente acolhedor, facilitando o enfrentamento do sofrimento psicológico e a construção de resiliência. Além disso, estudar esse tipo de intervenção permite avaliar sua eficácia, identificar boas práticas e sensibilizar profissionais de saúde para a importância de estratégias colaborativas e culturalmente sensíveis, promovendo o bem-estar integral dos migrantes em contextos de vulnerabilidade.

Assim, a questão que se pretende aprofundar nesse artigo, pode então ser descrita da seguinte forma: *considerando a existência de trabalho de pares no apoio a migrantes em deslocamento forçado devido a conflitos e guerras, como pode a psicanálise pensar o funcionamento do mecanismo Peer Support/ Apoio entre Pares?* E, em complemento: *Essa modalidade de intervenção pode então ser considerada um espaço que privilegia a intersubjetividade?*

Com base nessas questões, o objetivo principal foi explorar e discutir a prática da intervenção de Apoio entre Pares e os processos intersubjetivos com migrantes marcados pela experiência de deslocamento forçado resultante de conflitos armados e seus efeitos sobre as identidades. Mas se há uma multiplicidade de nomeações e utilizações do Apoio entre Pares, como o definimos e qual o método utilizado para a investigação da qual o artigo é originado?

2 METODOLOGIA

O interesse da pesquisa cujo artigo é fruto foi perceber esta relação intersubjetiva no Apoio de Pares e os seus efeitos, como os sujeitos se apropriam desta experiência e incorporam novos conteúdos identitários às subjetividades. Em termos metodológicos o estudo teve uma inscrição qualitativa, e o instrumento para a coleta de dados utilizado foi o FANI – *Free Association Narrative Interview* – Entrevista Narrativa de Associação Livre (Hollway & Jefferson, 2000). Consiste em entrevistas abertas que privilegiam o conteúdo subjetivo do participante. Ao possibilitar a direção da narrativa pelo entrevistador e não pelo entrevistado, se abre espaço à associações facultando um tipo de narrativa não estruturada pela lógica consciente e ordem cronológica, mas sim, conduz à possibilidade de revelar conteúdos da lógica inconsciente.

Um grupo de psicanalistas foi convocado para a leitura das narrativas transcritas das gravações pelo pesquisador. As temáticas apresentadas neste artigo foram selecionadas como as principais discutidas por esse grupo que não poderiam ser definidos a priori já que é justamente no momento que se observa e entrevista é que questões puderam ser aventadas. A narrativa do sujeito sobre a experiência vivida, sua percepção da realidade e os efeitos desta narrativa através do encontro com o entrevistador é que guiaram para a eleição dos temas relevantes a serem discutidos.

Utilizamos então os termos *Peer Support*, *Apoio entre Pares* para designar o dispositivo, e, *Peer Support Worker (PSW)* o agente. O Peer é o responsável pela atividade e pelo encontro mediado. Ideal seria *Peer Support and Intercultural Mediation* - Apoio entre Pares e Mediação Intercultural. Para ao menos ter uma base de definição, esclarecemos aqui os objetivos do dispositivo *Peer Support/ Apoio entre Pares*.

Segundo a WHO (2021), o principal objetivo do *Peer Support* é apoiar outros a: Ter uma melhora na sua atual condição e a jornada de recuperação, aculturação e reorganização; Compartilhar problemas, dificuldades e soluções com sua condição e situação atuais; Gerir as suas emoções e falar abertamente sobre seus sentimentos e sobre como aceitarão sua situação presente; Buscar independência e começar a fortalecer-se, construindo autonomia e resiliência.

A recolha de dados foi feita a partir de entrevistas com participantes e coordenadores (*Senior Peer Support Workers - PSW*) do dispositivo Apoio entre Pares. Os participantes voluntários são migrantes e a questão do deslocamento forçado por motivos de guerra ou conflito marca-os de alguma maneira. São indivíduos originários do Líbano, Brasil, Síria,

Palestina, Jordânia e Irão; 5 mulheres e 2 homens. Os participantes foram renomeados para preservar o anonimato: Amira, Ana, Eida, Ravi, Hani, Habiba e Alla. Os PSWs trabalhavam com deslocados que provinham da Colômbia, Venezuela, Haiti, Eritreia, Síria, Líbano, Irão, Paquistão, Afeganistão, Iraque, Iémen, Palestina, Sudão e Líbia.

3 DISCUSSÃO

Apresenta-se aqui uma discussão de dois temas transversais comuns que aparecem nas entrevistas e que foram elencados pelo grupo de intervenção: *Identities Roubadas; Cronologia e Trauma: sintoma ou criação?*

Identities Roubadas

As experiências compartilhadas nas entrevistas, unanimemente, tocaram na questão da língua materna e/ou reconhecimento de traços culturais como via de aspectos identificatórios enquanto importantes pontos nesse processo de “reconstrução” subjetiva. Os entrevistados, se referem à importância do vínculo com os traços de identidades como prioridades. A narrativa de Ana deixa emergir claramente a conexão que o grupo de pares faz com a líder do grupo também migrante refugiada que fala a mesma língua: *“Há uma identificação maior assim, né? Então alguém que entende o que eu falo, que passou pelo que eu passei e porque algumas das nossas facilitadoras hoje são líderes de grupo também. [...] eu vejo que há uma identificação muito maior com as participantes. Porque quando você chega num país, não é tudo tão diferente? Como que vai ser ele e tudo mais? Mas eu tenho alguém que está aqui. E que já está numa outra fase e está compartilhando essa jornada comigo, então eu vejo assim que eles servem como esse modelo”*

Para discutir os efeitos desses encontros via aspectos identificatórios como a língua materna, se faz importante então retomar como entendemos aqui os conceitos de identidade e identificação.

Pela psicanálise entende-se que não existe uma identidade estática, o conceito de algo fixo e único que estaria ligado a uma totalidade que não se faz possível na transitoriedade do sujeito. A identidade como predicação e determinação do sujeito seria um atributo ilusório, orientado pela manifestação de um desejo de “apropriação mítica de si” (Ayouch, 2019). Partimos então de uma definição que possibilite a alteridade e transformação das identidades, no plural, e que inclui as operações de identidades nesse processo.

O conceito de identificação adquiriu progressivamente na obra de Freud e Lacan mais do que um mecanismo psicológico entre outros, faz dele a operação em virtude da qual o sujeito humano se constitui ou melhor é constituído, é uma relação intersubjetiva. A identificação convoca uma experiência relacional com o outro. Lacan dedica boa parte de sua teoria sobre a identificação e a experiência relacional desse processo. Lacan (1961) no *Seminário IX – A Identificação* o sujeito é constituído através da identificação com a imagem do outro (pequeno ‘o’ / indivíduo) na relação imaginária e com os significantes que o marcam provindos do Outro na relação simbólica. Outro que designa todo um mundo de linguagem, símbolos e signos, sociais e culturais. Nessa relação com o outro/Outro ha sempre algo que resta à completude, que resiste e que marca a singularidade.

Lacan (1961) avança nesse tema da incompletude, há algo no sujeito que é sempre faltante e que não há um objeto que o complete, a constituição subjetiva tem como base a falta. O conceito de falta em Lacan é essencial para a constituição subjetiva e também a marca de cada um que aponta uma radical diferença e singularidade. Na relação intersubjetiva há sempre algo da ordem do enigmático que resiste à simbolização. Uma *falta-a-ser*. O conceito de "falta-a-ser" (*manque-à-être*, em francês) foi introduzido por Lacan, mais especificamente no *Seminário VI: O Desejo e sua Interpretação* (1958-1959). Refere-se à falta estrutural que constitui o sujeito, à incompletude estrutural do sujeito. Diferente da "falta", que alude à ausência de um objeto específico, a falta-a-ser diz respeito à impossibilidade de completude ontológica do sujeito. Lacan entende que o desejo humano está sempre marcado por essa falta, que o leva a buscar no Outro a resposta para o que ele é, sem nunca alcançar uma satisfação plena. Esse conceito é central na teoria lacaniana, pois expressa a incompletude do sujeito e sua constituição em torno do desejo e do Outro. Essa falta-a-ser é o motor do desejo, que permanece insatisfeito, já que a completude jamais é alcançada. Portanto, em Lacan, a falta-a-ser é uma noção central para compreender o desejo humano, a subjetividade e a impossibilidade de alcançar uma identidade plena e definitiva. O Outro, pode-se então dizer, é o horizonte da identificação, base constituinte das subjetividades através das representações e significações.

Para Lacan (1961) esse núcleo de representações é a base para futuras combinações que vão se articulando em cadeia, cadeia de significantes. E dessa cadeia e articulação que vão emergindo os significados construídos pelo próprio sujeito, na relação com as representações vindas do Outro, para dar um sentido à sua leitura de mundo.

Sendo assim o sujeito é constituído interrelacionalmente e as identidades são, portanto, formadas através dos laços identitários das identificações. Imaginário e simbólico; eu ideal e ideal de eu. E o que é que desejo? Pergunta feita por Lacan (1975) no *Seminário XXII – R.S.I*

“ouviram falar de identificação?” “o que é que desejo? A identificação com o grupo.” (p.64) e ao trabalhar o no borromeano, coloca o desejo como possibilidade de identificação no centro do enlace do nó. O ponto de partida para qualquer nó se constituir é a relação com o Outro. Relação que baliza o desejo.

Os deslocamentos forçados apontam então para as situações de extremas violência e vulnerabilidade impostas pelo contexto armado, em que esses laços e enlaces se desenodam. Ou melhor, suas identidades são roubadas. A relação com o Outro e outro é rompida. A identificação de si mesmo é então queimada e desmembrada literalmente no corpo.

Na migração forçada existem vários aspectos relacionados às perdas. Perda de referenciais simbólicos, da pátria, de questões culturais, laços que se rompem, perdas materiais e inclusive físicas - como é o caso de alguns participantes da pesquisa. A guerra que irrompe em seus países força à mobilidade nem sempre antes desejada. A violência que impera tem também consequências físicas, perda de partes de si e transformações de partes do próprio corpo (queimaduras, mutilações, violências, abusos e amputações).

Algo invade com violência, como Amira deixa emergir com clareza no seu discurso: “*fraturante*”. Experiências e narrativas geracionais fraturantes. Causando um rompimento na visão de mundo. Para Eida a guerra “*rouba sua visão de mundo*” também na cegueira causada pela violência da guerra. Habiba “*morreu*” e reviveu com marcas profundas em todos o corpo. Corpos marcados, como também em Hani e Ravi com as amputações. Ou ainda, em Ana, que apesar da marca não ser literal no corpo, revela a angústia através do que emerge na sua narrativa de ter as suas leituras de mundo esvaziadas deixando-a só nesse caminhar para um “*lugar seguro*”.

Os laços identificatórios e as suas construções identitárias se desfalecem convocando o sujeito a um momento de descontinuidade na trama do tempo e dos significantes, das fantasias, em que suas ficções construídas para dar sentido às experiências, já não fazem função. Uma desorganização psíquica gerando assim forte angústia.

Berta (2015) ao trabalhar a angústia e o trauma na urgência subjetiva, coloca a temporalidade como quentão central. A angústia é correlativa do momento em que o sujeito se vê questionado em sua existência, sem poder reconhecer o passado nem imaginar o que será no futuro. A autora então correlaciona angústia e temporalidade a partir de Lacan “o sujeito está suspenso entre um tempo em que ele não sabe mais onde está, em direção a um tempo em que ele será alguma coisa na qual jamais se poderá reencontrar.” (Lacan, 1956/1957, p.231)

Quando as leituras de mundo estão suspensas, o sujeito se encontra desamparado psiquicamente. Rosa (2015) denomina esse momento de suspensão das coordenadas, seja no

registro do simbólico ou no imaginário do eu, como desamparo psíquico. A migração é um dos fenômenos da vida que pode provocar no indivíduo uma desorganização psíquica. Trata-se de uma experiência subjetiva que edita os momentos arcaicos do desamparo original trabalhado por Freud (1926), uma situação primeira de desamparo se repete nas vivências ou situações posteriores, nas diversas formas de angústia e separação que acompanha o indivíduo, do seu nascimento à morte. Assim, a angústia do desamparo se torna típica da condição humana. Nesse sentido o fenômeno da migração é uma das experiências na vida que reedita esta condição. Freud (1926) afirma então a posição de que a angústia/ansiedade “(*angst*) tem relação com a expectativa, é ansiedade por algo. Tem uma qualidade de indefinição e falta de objeto. Em linguagem precisa empregamos a palavra medo (*Furcht*) [...] se tiver encontrado um objeto”. (p.160)

Neste ponto, poderíamos entender que há uma divergência importante na teoria freudiana e lacaniana. Lacan (1962), no Seminário X- *A angústia*, discorda da posição freudiana acerca da falta de objeto. Para Lacan (1962) a angústia não é sinal de uma falta de objeto como coloca Freud (1926). A falta é constituinte do sujeito, em que Lacan conceitua o objeto a como objeto da falta, objeto causa de desejo e também o objeto função da angústia. Sustenta uma posição divergente de Freud, afirmando que a angústia não é sem objeto. Para o autor o sinal da angústia revela a situação de desamparo da perda do lugar de amado diante do Outro. Pois é diante deste desejo do Outro, que o sujeito se organiza e se ampara, dando um sentido à sua própria falta e desejo. Desamparo designa um estado e a angústia um afeto, entendendo o afeto como aquilo que não foi recalçado. “Ele se desprende, fica à deriva. Podemos encontrá-lo deslocado, enlouquecido, invertido, metabolizado, mas ele não é recalçado. O que é recalçado são os significantes” (Lacan, 1962 p. 23)

Muitos indivíduos, além desse imperativo de convocação às questões constitutivas do sujeito gerando angústia, experienciam ainda, situações em que o fenômeno vivenciado agregará um potencial valor traumático. Freud (1920) trabalha certa diferenciação quando elabora as neuroses traumáticas e de guerra. Considerando assim potencial traumático desse evento externo. Reformula parte da sua teoria diferenciando as neuroses traumáticas das já conhecidas neuroses de transferência. Ao contrário do que acontecia nas neuroses de transferência, nas neuroses traumáticas em vez de se depararem com a já conhecida amnésia, precisavam lidar com um excesso de memória, uma vez que o problema residia justamente em não poder esquecer nem a cena nem os acontecimentos dos quais sobreviveram.

Tais acontecimentos não cessavam de assombrar a consciência e o sono dos pacientes. Na neurose traumática o vivido inicial não é recalçado nem entra em ressonância com a rede

simbólica, a lembrança do trauma permanecendo presente. “Uma presença terrível que faz com que o sujeito não cesse de reviver a cena traumática, razão pela qual no lugar da angústia enquanto mecanismo de proteção contra o perigo, o afeto predominante na neurose traumática é o pavor, uma vez que o acontecimento traumatizante atinge um psiquismo não preparado, portanto mais vulnerável.” (Koltai, 2016, p.25)

Muitos sobreviventes de violência, trazendo ao cenário dos conflitos armados, vivenciam a experiência se deparando com o trauma do inassimilável provocado por um fenômeno externo e que convoca o sujeito a uma urgência no trabalho psíquico.

Entendemos aqui, em concordância com Berta (2015), em que a questão da urgência subjetiva se localiza na junção entre angústia e desamparo. Temporalidade do instante, “desesperar um instante em que a palavra não civiliza ou transborda.” (p.99) Diante de uma contingência que tem valor traumático, se experimenta uma ruptura na linha do tempo, onde os recursos psíquicos que serviam para contornar a angústia, encontram-se ausentes. Para a autora ha que se fazer surgir a questão do sujeito ali onde se localiza pela angústia. Abrir um espaço que permita a reconstrução da ficção pois na situação de urgência suspende-se a questão do Outro nesse tempo indelével que fratura a temporalidade. Portanto, segundo a autora, a urgência subjetiva é resposta ao traumático, mas esse não se eleva ao nível de causa.

Habiba nos apresenta essa urgência entre a morte e a vida. Para Habiba, a prioridade era viver depois da “morte”. Para Hani a prioridade no início era a “*aceitação e mais compreensão da condição médica*”. A sobre-vivência é a prioridade e depois um processo de aprender sobre a vivência na polis nessa nova realidade. Habiba, nos aponta essa diferenciação. Deixa emergir que esta trabalhando suas questões individuais com a supervisão e psicologia. Os efeitos que percebe em si desses encontros com os pares que apóia.

Um deslocamento geográfico e psíquico na suspensão de certezas num tempo que então se desarticula nessa corno&lógica. “*é preciso dar-lhes tempo*” conteúdo esse que se repete em diferentes narrativas. Que o Peer oferece uma escuta e lhes respeita o tempo de cada um na jornada em Ser. E foi também algo necessário no processo de cada um em se tornar um Peer. O tempo! E qual seria o enlace entre a escuta, a narrativa e o tempo nesses acontecimentos de deslocamento com valor traumático? Qual a relação do tempo com as experiências em se tornar um Peer?

Cronologia e Trauma: sintoma ou criação?

Freud desde o início da sua obra nos deu indícios e abertura suficientes para entender como o tempo e seu valor em termos psíquicos. O autor desenvolve o conceito de Inconsciente

balizado pelo conceito do tempo. E propõe então, em 1915, que os processos psíquicos inconscientes não são ordenados temporalmente e não haveria uma equivalência entre o tempo do consciente e do inconsciente. “Os processos do sistema Inconsciente são atemporais; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo. A referência ao tempo vincula-se, mais uma vez, ao trabalho do sistema Consciente.” (p.214)

Acontecimentos cronológicos terão efeitos *a posteriori* de uma significação com potencial traumático ou não. As palavras gregas: Cronos, da mitologia grega, o deus do tempo e o logos, da lógica, do argumento, se interrelacionam nesse tempo crono&lógico. O tempo cronos da migração, do deslocamento dos indivíduos, tendo seus efeitos *a posteriori* da logicidade da significação e suas marcas. Marcas que se enredam em uma narrativa e nas tramas da cadeia de significante na produção de sentido que abre a um novo ou outro sentido a cada enredamento. Há algo de novo, mas que diz da marca anterior. As atualizações do inconsciente são súbitas e descontínuas, mas a partir de cada atualização que se efetuam, são irreversíveis. Temos, então, a irreversibilidade descontínua. A cada instante se institui um novo tempo que emerge inantecipável.

A partir disso, resgatando o conteúdo que emergiu nas entrevistas de que precisaram de tempo, ou, de que se viram em um tempo sozinhos como Habiba e Ravi relataram sobre o início dolorido do seu processo, logo após a lesão. Há uma diferença nas necessidades psíquicas de apoio entre o início, no momento de desorganização psíquica, e depois, quando já passaram por certa “sutura” e podem avançar a partir de então.

Ravi e Hani nos revelam o desafio do início desse processo. Ravi nos conta que não aceitou a lesão “*e todos os meus pensamentos eram muito negativos [...] eu preferi o tempo todo estar sozinho*”. Para Hani, logo que chegou à Jordania refugiado da Síria “*sua prioridade não era o país, sua prioridade era a aceitação e compreensão da condição médica e que ele estava concentrado mais em sua condição do que se mudando de país*”. Ao longo do seu processo e ao oferecer apoio aos pares sobreviventes recém lesionados nos revela a mesma necessidade de outros no início do apoio: “*comecei apenas em fornecer um espaço seguro para um novo paciente irritado apenas para falar da sua lesão [...] essa é a única coisa que ele compartilhava no início*”. Ao final da entrevista, nos revela a diferença: “*a minha vida se tornou melhor [...] sinto que faço algo na minha vida [...] ter mais relacionamentos e amigos*”.

Habiba “*morreu por três minutos*” “*o primeiro ano foi muito difícil*” “*eu estava odiando isso*” “*no início estava com medo*”. Ao longo do processo Habiba vai nos narrando as transformações até o momento em que agora: “*quando olho no espelho, eu me vejo*”.

Na narrativa de Alla e Amira o tempo da experiência (p)regressa foi conteúdo marcante. O relato de Amira deixa emergir essa questão das fraturas da experiência e das atualizações pelas narrativas transgeracionais, que podem cristalizar o indivíduo num tempo de memórias num lugar discursivo entre o passado da guerra e o futuro desejável, mas apontava a um presente que nunca se fazia atual. Narrativas geracionais “*fraturantes*”.

Hani também aponta a marca do tempo descontínuo, um “*início muito difícil*” de incerteza e de impasse temporal “*até quando vou ficar aqui*” e o que seria possível a partir de então “*o que posso fazer no futuro?*”.

Experiências de indeterminação. Uma transitoriedade de um tempo que nunca se atualiza presente. Indivíduos que apesar de encontrar um pouso geográfico, estavam ainda em uma errância temporal. Um corno&lógico que apontava “im-passes” da experiência (p)regressa, tempo lógico e cronológico intrínsecos nas expressões subjetivas do sofrimento dos participantes no início de sua jornada. O deslocamento geográfico e as experiências de sobrevivência apontavam para um distanciamento nesse tempo e espaço, uma distância das representações de si, de quem se foi, das partes abandonadas de si, para um reconhecer-se outro/a nesta experiência de deslocamento e lugar outro. A experiência pregressa que regressa sem pouso, sem possibilidade ainda de atualização e elaboração.

Eida deixa emergir em sua narrativa o que a guerra roubou, a sua visão. E se torna um imperativo abandonar, perder, deixar-se. A guerra e o deslocamento, roubam as “visões de mundo”. Quando a falta de sentido impera, as representações de mundo falham e a dor fraturante é evocada, o sujeito está então diante do real, inassimilável.

Para Lacan (1975) o trauma é o impossível de simbolizar. Aquilo que irrompe e surpreende o sujeito que se encontra sem recursos suficientes para responder a ele. O encontro com o real que invade e as construções simbólicas se desmontam. O trauma causa uma fratura, um rompimento nos registros que ancoram o sujeito.

Frente ao trauma, é preciso metabolizar o excesso, “*costurar*” pedaços possíveis fratuados. Lacan afirma que “So podemos alcançar pedaços de real”. (1975, p.71) Ou seja, adiante em sua teoria, Lacan avança com o conceito de Real. Nos seminários de 1974/ 1975 – XXII R.S.I e de 1975/ 1976 XXIII *O Sinthoma* – Lacan dá indícios de possibilidades de “sutura” do trauma. O real de impossível para acesso em fragmentos. Lacan afirma “o Real é o impossível à espera de se escrever”. A questão que nos abre é como seria possível algum trabalho para alcançar esses pedaços do Real como saída frente o esfacelamento do simbólico em situação de trauma.

Lacan então retoma a identificação como via de acesso. A identificação com o grupo, com o outro como via possível de reorganização das coordenadas simbólicas do sujeito e o Outro. Pois a identificação segundo o autor, é sempre de um pedaço, uma borda, um primeiro enlace. Sendo assim, num primeiro momento de sutura nas situações de urgência frente o real que irrompe, o recurso imaginário faz função a partir da identificação. Uma primeira resposta de sutura. Entendemos que é desse modo que esta operação se dá entre o Peer e seu semelhante em sofrimento nestes primeiros movimentos de amarração e reenlace com o outro.

A partir disso pode-se avançar e Laurent (2004) sugere que depois do trauma é preciso reinventar o Outro, “causar” um sujeito para que ele novamente encontre as regras da vida, criar uma certa mentira, uma ficção que inclua o traumático. Conforme Lacan (1974) nos diz, inventamos um truque para preencher o buraco no real, ali onde não há relação sexual, ou seja, ali onde não há completude, Um se inventa. A possibilidade é de se inventar um caminho novo, causado pela obturação do traumático. Tem-se, aqui, aquilo que vai além do “sentido” possível. A partir das desconstruções e despedaçamentos de si, pode-se no encontro com o outro, a partir de um outro olhar, de um outro lugar, reinventar um sentido e leitura para a experiência.

Eida deixa emergir em sua narrativa essa necessidade que a convocou à “*reabilitação*”. Rehabi(li)tar. Um processo de re-habitar a si mesma, de apropriar-se dessas identificações outras e achar pouso para as anteriores. Frente a todas as perdas, da angústia frente ao desamparo, um lugar “*seguro*” é convoca(dor). Um espaço em que a dor possa ser endereçada, convocada e trabalhada se faz urgente e necessário. Pontes que possibilitam o estreitamento entre a diferença de quem se era e de quem se deseja ser num instante mais atualizado e presente. Um espaço humaniza(dor).

Esses são alguns dos aspectos que se inscrevem na problemática do trabalho do Peer-to-Peer Support enquanto mecanismo terapêutico passível de ser pensado em contexto de migração de deslocamento forçado.

4 CONCLUSÃO

Partimos de um problema: considerando a existência do trabalho de pares no atendimento a pessoas refugiadas em contexto de guerras, como a psicanálise pode pensar o funcionamento do mecanismo de Apoio entre Pares? Pois bem, frente ao trabalho ora realizado, entendemos alcançamos e descrevemos uma possível resposta à pergunta.

Das identificações à incorporação de aspectos que moldam identidades, é possível se reposicionar subjetivamente no vínculo social. Identidades que, por meio do encontro, também

podem transformar realidades e construir novas histórias e narrativas. O Apoio entre Pares pode ser então percebido com valor terapêutico, sendo um instrumento de acolhimento de um sofrimento subjetivo costurado cultural e socialmente. As pontes da língua, escrita e linguagem endereçadas ao outro como testemunho de histórias e Histórias que a partir do encontro são reconhecidas. Reconhecimento que tem valor humaniza(dor) e opera como sutura, costura, amenizando as fraturas crono&lógicas.

Os principais achados deste artigo ressaltam o poder da identificação entre pares como uma ferramenta significativa para a reconstrução identitária e social. A capacidade de se ver refletido em outro, que compartilha experiências semelhantes, oferece um caminho para a reconexão e reorganização psíquica, reiterando a importância do Apoio entre Pares na saúde mental. A partilha de experiências de superação não apenas desafia narrativas de vitimização, mas também fortalece a resiliência individual e coletiva, permitindo que sobreviventes assumam um papel ativo em suas jornadas de recuperação.

A partir do encontro intersubjetivo depararam-se com a sua própria história, e que, não necessariamente essas histórias eram histórias próprias. Muitas histórias eram marcas do Outro, do coletivo, do social, designando lugares discursivos que potencializavam certos sofrimentos e silenciamentos, no caso de crianças e adolescentes, potencializados pelas inúmeras vezes em que suas necessidades são negligenciadas e seus direitos desrespeitados. Torná-las próprias, apropriar-se de si, de sua história e das novas histórias, é um processo de reabi(li)tar-se. Se dissemos que é necessária essa reorganização a partir da reinvenção do Outro num possível reenodamento simbólico, é também necessário certa separação e desalinação.

Este estudo sugere a necessidade de abordagens de intervenção que integrem o suporte entre pares como componente fundamental nos programas de acolhimento de migrantes forçados. Direções para pesquisas futuras incluem a exploração de modelos de Apoio entre Pares em diferentes contextos culturais e a avaliação da eficácia dessas intervenções, além de incluir as especificidades de gênero e nacionalidades. Essa investigação não contemplou a análise apesar de apresentar esses temas e apontar para a importância tal.

O Apoio entre Pares aparece na cena e mostra o seu valor na democratização do cuidado e na descolonização de estratégias possibilitando intervenções culturalmente sensíveis.

REFERÊNCIAS

AYOUC, T. Qui craint le grand méchant genre? Le social, le politique et le psychique. *La Pensée*, n. 397, p. 34-45, 2019.

- BERTA, S. L. *Escrever o trauma, de Freud a Lacan*. São Paulo: Annablume, 2015.
- FREUD, S. O inconsciente. In: *Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Vol. XII. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XVIII. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XX. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HOLLWAY, W.; JEFFERSON, T. *Doing Qualitative Research Differently: Free association narrative and the interview method*. London: SAGE, 2000.
- HOLLWAY, W.; JEFFERSON, T. The free association narrative interview method. In: GIVEN, Lisa M. (Ed.). *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods*. Sevenoaks, California: Sage, p. 296–315, 2008.
- KOLTAI, C. Entre psicanálise e história: o testemunho. *Psicologia USP*, v. 27, p. 24-30, 2016.
- LACAN, J. *El Seminario, Libro 6: El deseo y su interpretación*. Buenos Aires: Paidós, 2014.
- LACAN, J. *O seminário, livro 9: a identificação*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003. Inédito.
- LACAN, J. *O seminário, livro 10: a angústia*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LACAN, J. *Seminário, livro 22: R.S.I.* Inédito, 1974–1975.
- LACAN, J. *Seminário, livro 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- LAURENT, E. Hijos del Trauma. In: BELAGA, Guillermo. *La urgencia generalizada*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2004. p. 23–29.
- ROSA, M. D. *Psicanálise, política e cultura: a clínica em face da dimensão sócio-política do sofrimento*. São Paulo, 2015. 151 f. Tese (Livre-Docência – Departamento de Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Peer support mental health services: promoting person-centred and rights-based approaches*. Geneva: World Health Organization, 2021. (Guidance and technical packages on community mental health services: promoting person-centred and rights-based approaches).